

O psicanalista é um intelectual?¹

[...] em nome de incontáveis contemporâneos seus desejo exprimir a confiança de que você nunca fará ou dirá nada – apesar de tudo, as palavras de um autor são instrumentos – que seja covarde e abjeto, e que, mesmo numa época que obscurece os julgamentos, você escolherá o caminho certo e o mostrará aos outros.

Carta de Freud a Thomas Mann por ocasião do sexagésimo aniversário de Thomas Mann.

Seria essa uma pergunta tardia, fora de lugar, feita num momento em que determinadas representações do intelectual estão sendo verdadeiramente corroídas e ultrapassadas? Momento em que a própria discussão sobre a função e o papel do intelectual parece se perder no redemoinho da autopromoção e da visibilidade pessoal do especialista conjugadas às determinações do espetáculo? Pode ser.

¹ Este artigo é uma versão modificada e ampliada do artigo publicado em periódico e intitulado O psicanalista é um intelectual? *Pulsional: Revista de Psicanálise*, ano 21, n. 3(195), p. 19-30, set. 2008 e, depois no livro *Intervenções Psicanalíticas: a trama social*. Porto Alegre: Criação Humana, 2016. p. 100-118.

De fato, exauriram-se os modelos do intelectual francês romântico do século XIX, cujas ideias bebiam em seus exóticos itinerários de viagem;² ou do intelectual do pós-guerra, que num mundo partido ao meio assumiu inequivocamente o lugar de porta-voz do pensamento de esquerda e das classes e subalternizadas – e depois subalternizantes – em todo o mundo.³ Falamos sem dúvida de novas necessidades, inscritas na imperiosa urgência de dizer o novo e o inédito por entre as tramas secretas do tautológico.

Portanto, nosso ponto de partida não pode ser outro senão aquele que coloca a descoberto o papel do intelectual, hoje em crise. Embebido em suas aspirações pela ultraspecialidade ou ansioso pela visibilidade tão conveniente em busca por cadeiras cativas nos veículos que podem propagar imagens, muitas vezes em detrimento das ideias, o “intelectual” hoje fala sobre tudo. Tendo a palavra incensada, atira em tudo que se move, mas é incapaz de se voltar para o nicho dos problemas diante dos quais é preciso reconhecer na experiência a distância necessária e suficiente da observação repetida e lenta, onde medra o inédito.⁴ As mídias têm pressa.

Nunca a expressão “intelectual de gabinete” foi tão precisa e tão sedutora. Num mundo em perigo, nada como vociferar do alto e de longe. Decerto, não por seu caráter alienado e indisposto, mas por fazer do entre paredes de seu gabinete – ou seu consultório – a blindagem essencial que o livra do mundo. Será aí mesmo, no interior de sua redoma, que os especialistas encontrarão

2 Wilma Peres Costa (2003) discute de forma interessante a posição e o modelo do intelectual viajante e sua busca perpétua por um conhecimento, ao mesmo tempo do mundo e de si.

3 Remeto o leitor ao excelente artigo de Augusto Santos Silva (2004) intitulado “Podemos dispensar os intelectuais?”, onde essas questões são discutidas com lucidez e em profundidade.

4 Jean Charcot, uma das personalidades que mais influenciaram Freud, menos por suas teses do que por sua atitude como pesquisador, professor e cientista, exibia esse recurso tão caro ao intelectual: a observação. Tal como notou Freud, por ocasião do obituario de Charcot, em 1893: “Ele não era um homem reflexivo, nem um pensador: tinha uma natureza de artista-era, como ele mesmo dizia, um ‘visual’, um homem que vê. Aqui está o que ele mesmo nos contou sobre seu método de trabalho. Costumava olhar várias vezes para aquilo que não compreendia, para aprofundar sua compreensão a respeito, dia a dia, até que repentinamente surgia nele uma compreensão [...]. Podia-se ouvi-lo que a maior satisfação de um homem seria ver algo novo, ou seja, reconhecer como novo; chamando a atenção vezes seguidas para a dificuldade e o valor desse tipo de ‘olhar’.” (apud GRUBRICH-SMITIS, 2001, p. 30).

todos os elementos universalizantes que lhe garantirão a autoridade para falar sobre tudo.

Serão então estes os inventores das palavras livres do mundo? Acompanhemos a observação de Edward Said:

O resultado é que o intelectual hoje é muito provavelmente um professor de literatura confinado, com uma renda segura, sem nenhum interesse em lidar com o mundo fora de sala de aula. (2005, p. 76)

Mas o que são essas palavras livres do mundo? Repetidas e sempre reencontradas nos bastidores do espetáculo mais pirotécnico e sensacional, elas são o esconderijo onde soçobra a linguagem e onde a política inexistente; estão alinhavadas e justificadas nas neuroses privadas para criar grandes efeitos globais de massa, de modo a que tudo possa ser resumido a um punhado de problemas pessoais, íntimos e privados, a serem adstritos e resolvidos num âmbito subjetivista, divorciado de alteridade.

São palavras que insistem na invenção do apolítico, em que qualquer língua já nasce morta. Palavras disciplinares, especializadas e escoradas na validade dos discursos hegemônicos condizentes com cada disciplina, os mercados que as suportam e sustentam, e com o problema “pessoal”, “particular” de cada um.⁵ Elas forjam o discurso da *subjetividade sem cidadania*

5 O escoamento da produção midiática é indiscriminado e de massa, porém seu apelo é sempre no sentido de uma experiência ultraparticularizada que define seu objeto genérico, inespecífico mas voltado “para você”, para atender “às suas necessidades”. Reside aí sua habilidade e eficiência: ofertar ao telespectador ou leitor ou usuário a fantasia de que a partir da mais radical indiferença e massificação que embalam seus produtos há enorme envolvimento e preocupação com o consumidor e com seus desejos mais secretos. Trata-se, nas relações entre mídia e receptor, da consumação da fantasia sadomasoquista mais perfeita e simétrica na qual o receptor se sente interferindo nas imagens que consome e em sintonia com elas, muito embora essa sintonia seja apenas o efeito da suposição inventada de uma reversibilidade, compreensão e intimidade suposta (entre os produtores e os receptores dessas imagens) que absolutamente inexistente. Remeto o leitor ao artigo Endo, P. C. O consumo de imagens violentas: pacto e alienação. *Psicologia Clínica*, v. 17.1, p. 77-94, 2005 no qual desenvolvi longamente o argumento sobre o endereçamento das mídias à recepção ultra particularizada e íntima de seu conteúdo na experiência do

nem emancipação, conforme sugeriu Boaventura de Sousa Santos (2005, p. 269), e ensinam a via mais breve, curta e eficaz para tratar/curar os problemas psicológicos, médicos, políticos e sociais. Palavras em manuais para orientar a vida cotidiana, as célebres e infames palavras de bolso.

Do lado oposto, o itinerário proposto por Silviano Santiago ao escritor revela aqueles pontos muito específicos que poderíamos chamar de “pontos de engajamento”, válidos para toda e qualquer intervenção discursiva:

Em termos disciplinares, trata-se de opor o estudo da relação do escritor com a instituição em que inscreve o seu projeto linguístico (a Literatura, ou a Filosofia, (ou a Psicanálise),⁶ doravante escritas com inicial maiúscula) a estudos que se caracterizam pelo que tradicionalmente se chama de sociologia da cultura (ou da arte). Em outras palavras estamos opondo a responsabilidade do escritor no interior das falas institucionais hegemônicas ao conteúdo da biografia do escritor no contexto dos partidos políticos e instituições no poder (SANTIAGO, 2004, p. 30).

Trata-se da emergência do singular no seio da discursividade corporativa e especializada dos saberes e poderes predominantes.

A Psicanálise, que contribuiu decisivamente para agravar a tensa e perpétua crise do dizer, jamais pensou em limpar, das palavras, o mundo. Ao contrário, enquanto crítica da univocidade suspeita da palavra, ela revelou, na exterioridade do dizer, o reverso da palavra sem fendas e colocou, daí por diante, em crise o introspeccionismo psicológico.

“Não há autoanálise se ela não for falada a alguém”, destaca Anzieu (1989, p. 418), sobre a auto-análise de Freud, na gênese da Psicanálise.

Dada a crise interna que atravessam os sistemas políticos, partidos de todas as cores e formatos, movimentos sociais e organizações governamentais

receptor, a partir de ambições totalmente genéricas e indiferentes às particularidades (índices de audiência, mercado publicitário, etc.).

6 Inclusão minha.

e não governamentais, resulta que o papel do intelectual só pode ser revigorado na contínua interpretação dos intérpretes; na qual se podem revelar discursos circulares e repetitivos, aliados das neuroses privadas, instrumentalizadas como a razão da compra e venda de produtos, imagens e ideias degradantes.

Constata-se a verdade infame: “a sociedade não quer ver” ou “a sociedade só quer ver o que nós mostramos”. É o suficiente para que verdades consagradas se esparramem pelos meios de informação midiáticos, restringindo o campo da análise ao amontoado de informações parciais, incompletas e aviltantes. Mas o mais importante é que esse princípio recusa solenemente a posição da mídias como intérpretes do seu tempo definindo-as como aquelas que “estão apenas cumprindo ordens”.

São o temor da autoria e o oportunismo cínico que permitem responder à crítica sobre programas, notícias e informações maltransmitidas com a frase: “Mas foi o povo que pediu para ver isso”, que é o mesmo que dizer “o povo quer ver o que nós queremos mostrar”.

Nesse empuxo midiático, o “intelectual” frequentemente convocado e aliado será aquele capaz de analisar o que todos querem ver e exhibir, o que todos querem mostrar, sendo instrumentalizado para produzir as últimas palavras para vedar tudo o que vaza, excede e extravaga e assim contribuir para selar as últimas imperfeições deixando tudo como está. O “intelectual” agenciado se torna então adepto de uma visibilidade pronta e absoluta para o que se quer mostrar, incapaz de arranhar o óbvio. Surge então uma imensa tarefa na revalorização e pertinência do próprio pensamento; ofício do intelectual: dar a ver em oposição ao dar a ver-se.⁷ Tornar visível o palco das diferenças no qual o gozo pela última palavra sustenta a disputa entre discursos.

Dar a ver precisamente por intermédio daquilo que ele pode dizer a partir do ponto em que oferece uma escuta ao in-audito. Dar a ver pela via do dizer

7 A prioridade do dar a ver-se já foi destacada pelas figuras apontadas por Pierre Bourdieu. São os filósofos de televisão (BOURDIEU, 1997, p. 73) e os intelectuais-jornalistas (BOURDIEU, 1997, p. 111) as figuras proeminentes da produção intelectual e cultural atual.

instruído pela escuta, e não pela via do mostrar efeito da compulsão de dizer. Restituir a função visível da fala e a função ocultante da imagem. Função argumentativa e analítica, sem dúvida, mas como ela se instaura no debate público?

Desde Freud não faltam iniciativas de pensar, *com e através* da Psicanálise, fenômenos sociais e políticos agudos e urgentes. Tais iniciativas são numerosas e muito desiguais no que se refere à sua qualidade, pertinência e potencial crítico. Dentro e fora da Psicanálise, com ou sem os psicanalistas.

A razão disso não deveria, hoje, produzir estranhamento entre psicanalistas. Mas produz. Ainda vemos colegas defendendo e vociferando a permanência do pensar e do fazer analítico para o terreno da clínica *strictu* senso, de preferência no intramuros dos consultórios de onde, para alguns, a Psicanálise jamais deveria sair. Essa defesa exclui, de modo não confesso, mas evidente, uma série imensa de trabalhos e desdobramentos técnico-teóricos da Psicanálise na intervenção junto à crítica cultural, psicoterapias grupais, análises institucionais, proposição de políticas públicas e reflexões em torno da clínica psicanalítica do social; além, obviamente, das produções intelectuais de pensadores que dialogam com a psicanálise sem serem filiados a grupos, instituições e associações de psicanalistas.

Alguns dizem, com francos auspícios homologadores, que o que o psicanalista fala, escreve e faz fora da clínica dos consultórios nada tem a ver com a Psicanálise, mas sim com a participação social como cidadão. Bem, nesse caso seria preciso perguntar aos muitos psicanalistas que têm presença no debate público por que, invariavelmente, colocam em seus créditos a palavra “psicanalista”, indicando com isso o lugar de onde falam e o lugar que, de certo modo, os permite falar, dada a pertinência da Psicanálise para a comunidade da qual ela hoje faz parte, e que não inclui apenas psicanalistas. Além disso, seria importante precisar como e em que ponto e de que maneira se distingue o cidadão do psicanalista. A resposta nesse caso não tarda: a topografia.

Só haveria psicanálise dentro dos consultórios. Seria o único discernimento plausível para distinguir o exercício da psicanálise de todos os outros e conferir

à Psicanálise sua potência transformadora e revolucionária. Não podemos discordar inteiramente disso e não o faremos, evitando criar dicotomias estéreis como psicanalistas clínicos e os de outra natureza qualquer.

Aplicaremos apenas uma questão a ser problematizada nessa tentativa de discernimento. O avanço da Psicanálise a outros campos e disciplinas com os quais ela dialoga, bem como sua consolidação como prática e saber clínicos incontestáveis, indicam que a definição do que é ou não psicanálise sofreu grande deslizamento e hoje pode ser definido nos seguintes termos: há psicanálise onde há interpretação e onde e quando essa interpretação restitui em outrem a restauração de sua condição de intérprete do sujeito, da cultura, da política, porém apenas na medida em que cultura e política implicam num horizonte de restituição de um sujeito que a interpretação poderá repor. Trata-se, portanto, do sujeito que faz cultura, do sujeito que faz política, da mesma maneira como, em análise, um sujeito faz sintoma.

Também seria necessário pensar em que medida o dispositivo analítico não se instaura igualmente sob um instituído se movendo, relativamente a ele, de forma tensa e não subordinada sem, contudo, poder aboli-lo absolutamente. Não existe Psicanálise, nem coisa alguma, sem inscrição prévia num campo político, social e cultural. Não se trata portanto de subordinação, mas da inscrição da psicanálise do psicanalista num contexto que possibilita ou não a sua condição de intérprete.

Por outro lado, não podemos dar de ombros para essa reivindicação da Psicanálise à legitimidade do seio onde nasceu, nem mesmo acusá-la de conservadora; ela é apenas ingênua e hesitante, mas paradoxalmente legítima e necessária, pois contribui para manter ativa a reivindicação pela preservação da Psicanálise para o enquadramento originário em que opera seu dispositivo: a clínica psicanalítica um a um. Há nela também uma dúvida e um temor não confesso: o psicanalista poderá escutar o inconsciente em lugares onde todos ou muitos querem negá-lo? E não seria no campo onde a política se exerce onde isso é mais provável? O debate político não se caracterizaria por uma disputa inglória pelos restos do recalcado que o discurso visa capturar, dominar e domesticar?

Sobre isso Pontalis já nos alertou: a Psicanálise é um método tão mais seguro quanto mais próximo de seu objeto, ou menos seguro “quando o objeto não mais se oferece por si mesmo” (PONTALIS, 1969, p. 9). O coração da Psicanálise, não há qualquer dúvida quanto a isso, é a clínica psicanalítica. Foi o que também salientou Ilse Gubrich-Smitis, sobre os detratores de Freud e da Psicanálise, destacando

que com certeza não é acidental o fato de os detratores de Freud, na sua maioria, não serem clínicos. Em nenhum outro lugar somos mais diretamente confrontados com a força e a ubiquidade dos processos inconscientes – mas também com a eficácia do método psicanalítico – do que no curso diário do trabalho clínico (2001, p. 17).

Todavia, foi o mesmo Pontalis que destacou o trabalho psicanalítico como trabalho diante do que se opõe e do que resiste, trabalho que não se define por suas bordas ou fronteiras, mas por seus confins. Diz Pontalis:

Mesmo o que é erroneamente entendido como excursões – de Totem e tabu a O Mal-estar na civilização – demonstra, mais que uma vontade de anexação, o propósito de ir ali onde algo resiste, como só se pudesse haver psicanálise ali onde há o encontro, o teste, dos limites do analisável (2005, p. 215).

E foi a mesma Ilse Gubrich-Smitis que nos lembrou da observação de Freud sobre si mesmo, impactado por seu encontro com o Moisés de Michelangelo:

Um modo de pensar racionalista, ou talvez analítico, em mim se rebela contra ficar mobilizado por algo sem saber por que e o que me afeta (Freud apud GRUBRICH-SMITIS, 2001, p. 97).

Essas razões que indicam, com clareza, que não há motivo para considerar o intramuros como único território livre para a Psicanálise, como se em todo o resto ela devesse estar coibida e aprisionada, a não ser por um gosto – a ser mais bem examinado – pela ultraespecialização da Psicanálise.

Também não se deve temer uma Psicanálise sem clínica, criando a falsa oposição clínica *versus* social, já que o pensamento psicanalítico é sempre tributário da prática clínica, mesmo quando ele ignora seus princípios, e é aí que os psicanalistas são fundamentais, não como homologadores ou especialistas, mas como debatedores competentes e interessados na ultrapassagem dos impasses deixados por Freud e os que o sucederam.

Sabemos bem em que território se move o especialista:

Para ser um especialista, você tem de ser credenciado pelas autoridades competentes; elas ensinam a falar a linguagem correta, a citar as autoridades certas, a sujeitar-se ao território correto (SAID, 2005, p. 81).

De outro modo, tantos são os atravessamentos de cá para lá e vice-versa, entre a Psicanálise e outros saberes, que já não é sequer relevante incentivá-los ou coibi-los, mas sim examiná-los mais e melhor, protegendo e cultivando as excelentes indagações que germinam nesses debates entre estrangeiros e, obviamente, denunciando os embustes.

O problema dos especialistas permanece um problema de primeira grandeza e, como tal, sempre contou com críticos extraordinários. Para Freud, era importante conduzir a Psicanálise para fora da especialidade médica e das regulações disciplinares, do mesmo modo como não lhe bastou a conciliação de seus discípulos e colegas analistas, de quem colheu elogios, quando da publicação de seu primeiro grande trabalho interdisciplinar em 1913: *Totem e tabu*.

Freud queria saber quais as repercussões do texto entre os não analistas. Freud queria, mais uma vez, polemizar e, ao fazê-lo, libertar a Psicanálise das especialidades, bem como perturbar o território das especialidades com a

Psicanálise. A intenção de Freud, hoje sabemos, era perturbar uma ordem discursiva que atribui a si a exclusividade sobre determinados fatos, fenômenos e objetos. Mas também revelar a tensão necessária à constituição de saberes que se encontram magnânimos em suas certezas.⁸

Uma questão já devidamente formulada para nós, psicanalistas, pode acrescentar muito ao papel do intelectual diante das crises e do colapso da modernidade.

Quando fazemos psicanálise extensa, podemos ignorar as transferências que mobilizamos, as defesas que ativamos e as consequências de nossas intervenções discursivas, políticas e sociais? Não seria só nesse caso que o psicanalista poderia definir-se como não intelectual? Quando não se responsabiliza pelas ideias que veicula e os efeitos que elas geram? E, nesse ponto, não seria importante emprestarmos à ética da Psicanálise a ética do intelectual e o cobrarmos por isso? Mais ainda, quando a participação do intelectual ignora esses princípios não é justamente nesse ponto que flerta com o papel de celebridade e abandona a política?

Ao mesmo tempo vemos, aqui e ali, ridicularizarem ou impedirem a participação do psicanalista em assuntos que, a princípio, não seriam de sua seara. Tais resistências objetivam ratificar uma conclusão amplamente defendida por setores dentro e fora da Psicanálise. Só há Psicanálise dentro dos consultórios, e o que os psicanalistas fazem fora dele – evidentemente – não é Psicanálise. Vejam que, curiosamente, aqui, as posições conservadoras se conciliam; os psicanalistas reclusos e os especialistas de mercado. Tudo em nome de um acordo implícito: cada macaco no seu galho.

Isso geralmente pressiona para que tudo o que o psicanalista diz, pensa, opina além dos fenômenos diretamente relacionados ao trabalho um a um,

8 Quatro textos de Freud merecem destaque na obra de Freud a esse respeito. *A Interpretação dos Sonhos* (1900), *Totem e Tabu* (1913), *Psicologia da Massas e análise do eu* (1921) e *Moisés e a religião monoteísta* (1939). Foram eles que penetraram em searas alheias, a partir de um princípio dialógico de atravessamento e interpretação entre saberes e disciplinas anteriores ou contemporâneas da psicanálise. Esse princípio produziu trabalhos extensos e exaustivos nos quais a ética intelectual de respeito à tradição e ao debate conceitual e a “nova ciência” psicanalítica fundada por Freud debateram criticamente. Remeto o leitor ao artigo Endo, P. C. Freud, Jung e o Homem dos Lobos: percalços da psicanálise aplicada. *Revista Ágora*.

sustentado pela topografia insular da clínica intramuros é irrelevante, não tem consistência, ou pior, não deve ser levado a sério.

Esse discurso persiste e continua sendo repetido. Ele representa, entre outras coisas, uma fixação traumática. A Psicanálise nasce ancorada pelo que acontece entre quatro paredes e aí poderá – e deverá – morrer. A afirmação da perversão paterna na gênese da histeria custou caro a Freud. Ele não voltará a ela. Tivemos que aguardar Ferenczi.⁹

Mesmo assim, o percurso freudiano foi outro. Desde a moral sexual civilizada e a doença dos nervos moderna (1908), Freud se coloca um problema ante o qual as soluções serão lançadas para a posteridade: a modernidade radicaliza e fomenta a solução neurótica? Claro, tendo ambicionado para a Psicanálise um lugar entre as ciências sociais e políticas e, mais do que isso, tendo aceitado se intrometer no território dos antropólogos, sociólogos, cientistas sociais e historiadores, Freud anunciou que o campo tenso da política e dos problemas sociais não são patrimônio de ninguém, o que perturbou os especialistas da outra margem do rio.

A famigerada psicanálise aplicada do primeiro grupo freudiano é esta intromissão da Psicanálise em territórios reservados, o que fazia Freud hesitar diante do levante dos especialistas e, ao mesmo tempo, prosseguir resolutamente na direção deles (*Endo, Plon, Vanessa).

Rechçado pelos antropólogos e reconhecido décadas depois como seminal na compreensão da gênese da política, *Totem e tabu* revelou-se como a primeira grande incursão de Freud em terras estranhas. Lembremos que *Totem* foi, para ele, seu texto mais importante desde *A interpretação dos sonhos*. Sua convicção no texto foi inabalável e perdurou até seus últimos escritos.

O mal-estar na cultura (1930), mais bem recebido pelos sociólogos do que *Totem e tabu* pelos antropólogos, revelou uma das matreirices freudianas que não cansamos de notar. Para Freud, *O mal-estar* nada mais era do que uma nova versão das teses de *Totem e tabu* mantidas, no essencial, intactas. Não lhe custou metade do trabalho que lhe deu *Totem*.

9 Sobre esse particular, remeto o leitor a Endo (2005), Parte 2, Capítulo 2, intitulado “Corpo e violência”.

Impressiona hoje, a maneira imodesta como pensadores do mais alto calibre no pensamento social e político contemporâneo, sem aguardar qualquer homologação de grupos e sociedades de Psicanálise ou de quaisquer outros grupos, incorporam em seu próprio pensamento teses centrais da Psicanálise e do pensamento freudiano.¹⁰

No que diz respeito ao texto *Moisés e o monoteísmo* é, em grande parte, uma certa fortuna crítica que vem se fazendo em torno deste texto de Freud, que volta a chamar a atenção dos psicanalistas para esse trabalho de Freud.

A verdade é que reflexões inspiradoras saem desses caldeirões a serem debatidas, criticadas e reinscritas no bojo do debate psicanalítico, onde pulsa a clínica psicanalítica. O que se produzirá a partir daí inclui-se numa sucessiva produção de alteridade discursiva, possibilitada pela frequência e assimilação da Psicanálise em outros campos e vice-versa.

Nesse itinerário, nos espreitam os perigos de sempre: o uso barato e instrumental de conceitos e teses psicanalíticas produzindo efeitos de massa e que, fora do dispositivo analítico se enfraquecem, se exteriorizam e banalizam o fazer clínico; a recepção, certamente indevida, de acusações – tão levianas quanto as que por vezes nós psicanalistas fazemos aos outros – de que os psicanalistas leram mal Freud, tal como não cansa de repetir René Girard (1990), por exemplo, a respeito da leitura dos psicanalistas sobre *Totem e tabu*.

Mas isso são efeitos de um debate aberto que já está bem adiante dos textos sociais de Freud. De fato, a Psicanálise já foi muito mais longe do que previam – e gostariam – alguns psicanalistas e outros especialistas que, nesse momento,

10 Para citar alguns poucos e fundamentais trabalhos, extraídos da imensidão de textos e pensadores não psicanalistas que debatem com Freud sugerimos ao leitor os desdobramentos da Psicanálise na sociologia de Norbert Elias (1993, 1993a, 1994, 2010); os ensaios críticos de Josef Yerushalmi (1992) sobre *O Moisés de Freud*; as provocações salutares de Edward Said (2004) em sua leitura particular da obra freudiana; as muitas incursões de Derrida (2001, 2005, 2006, 2007) com e sobre a psicanálise e, especialmente sobre *Moisés e a religião monoteísta*; os comentários críticos de Giorgio Agamben (2004) e René Girard (1990) sobre *Totem e tabu*, os diálogos permanentes de Zygmunt Bauman (1995) com a obra de Freud; os trabalhos seminiais de Ernesto Laclau, especialmente seu texto *A Razão Populista* (além das leituras sobre a obra de Freud de Adorno e Horkheimer (1985) e Walter Benjamin no seio e nas origens da Escola de Frankfurt

se unem aos detratores da Psicanálise. Se isso é um assunto para nós, psicanalistas, cabe-nos decidir.

Das muitas definições e aparições do intelectual em diferentes épocas, não se pode deixar de aludir ao caso Dreyfus no final do século XIX, ao emblema sartriano que herda daí a definição do papel do intelectual e depois, de certo modo, mas não inteiramente, a genealogia de Michel Foucault na década de 1970/80, avolumando a onda francesa que uniu explicitamente reflexão, manifestos e passeata, transformação social e ideias.

Desde então, não podemos mais afirmar que o intelectual é tão somente aquele que trabalha com ideias – definição tornadas fracas e tolas, mas também aquele que se compromete intelectualmente com os problemas de seu tempo, e o faz ancorado por suas ideias e argumentos.

A posição de Sartre pleiteava uma filosofia das ruas. Foucault, longe de ser seguidor de Sartre, também afirmou essa tendência. Lembremos que, de certo modo, a estratégia pessoal de Foucault, em relação ao seu prestígio intelectual e acadêmico, passava por primeiro ingressar no Collège de France, para só depois voltar às ruas e à porta das prisões, voltar às ruas e à genealogia. O Collège poderia dar-lhe – e lhe deu – o prestígio necessário para melhor fazer ouvir suas ideias e indignações.¹¹

Chomsky confessa algo parecido quando, em entrevista no Brasil, diz aproveitar do prestígio que a linguística lhe concedeu a fim de se encontrar e debater com os movimentos sociais que não poderiam pagar-lhe passagem, estadia, etc. Tudo fica a cargo dos departamentos de linguística.¹²

Quando em 2006 foi retomada no Brasil a ironia da expressão “O silêncio dos intelectuais”, aludindo ao escândalo das revelações do arquipélago Gulag

11 É interessante o seguinte trecho da biografia de Foucault, após seu ingresso no Collège de France em 1970: “*O que fizemos? Meu Deus, o que fizemos? Um professor do Collège de France telefona para Georges Dumézil num belo dia de 1971 para falar de seu medo. Contribuiu muito para a eleição de Foucault e fica perplexo ao ler os jornais que relatam a conduta do novo escolhido: Foucault, ao lado de Sartre e dos esquerdistas, à frente das passeatas dos imigrantes, às portas das prisões. ‘O que fizemos?’*” (Eribon, 1990, p. 237)

12 Entrevista concedida a Pablo Ortellado e André Inoki Inoue em 1996. Disponível no site: <http://www.nossacasa.net/dire/texto.asp?texto=71c, 01/04/2007>.

no mundo comunista, mais uma vez fez falta a interpretação dos intérpretes. Seja para evidenciar a fraqueza crítica das próprias posições e convicções pessoais, seja para relançar a fala partindo das próprias incertezas, superando a tentação à hipocrisia. Era necessário explicar agora as razões do apego a certos ideais que soçobraram danificando projetos ideológicos e promessas de futuro. Era necessário que o intelectual admitisse e explicasse o seu erro.

Quando, como psicanalistas, vamos ao debate público, seja em que esfera for que ele aconteça (seminários, movimentos sociais, mídias etc.), quando alteramos a geografia de nossa prática, como reinstaurar daí nossa capacidade analítica? O que podemos fazer quando, trabalhando com o conceitual e a formação psicanalíticas pensamos a corrupção dos poderes, as políticas públicas, os massacres paradigmáticos? Quais inflexões a Psicanálise pode promover sem ser acusada de ideológica, pelos psicanalistas, e alienada, pelos poderólogos, politicólogos e violentólogos?

Muitos psicanalistas têm acumulado experiências com isso sem terem sido homologados para tanto. A Psicanálise nas instituições, na mídia, na rua, na teoria social já é um problema interessante, transgressivo e instigado pelo próprio Freud. Muitos avanços nesse campo merecem destaque e apontam caminhos; outros merecem ser defraudados e compelidos à revisão.

Mas a questão que interessa muito de perto ao analista é sempre a escuta da lógica própria ao discurso que se produz. O entre discursos é, portanto, terreno fértil no qual o psicanalista habituado a uma escuta sem proselitismo, que define a escuta do inconsciente, como diz Leclaire (1974, p. 8), estaria especialmente preparado para reconhecer na tensão das interdiscursividades aquilo que lhes é próprio e que aparelham ações impeditivas do pensamento e da ação, tendo como efeitos tabus, regras, sintomas e práticas sectárias em ambientes onde convivem diferentes pontos de vista e diferentes referentes discursivos, disciplinares, teóricos etc.

Isso sim me parece essencial. Que esses problemas não sejam descartados ou naturalizados, mas revitalizados naquilo que os fundamenta ou não, psicanalítica e interdisciplinarmente falando, ou interdiscursivamente falando. Isto é, pensar o que a clínica psicanalítica permite para além dela mesma não pode, e não deve ser um demérito, mas sim a evidência da vitalidade da

Psicanálise em revelar-se continuamente apta a revisar-se e a seus próprios fundamentos, revelando-se, desse modo, avessa ao seu acabamento, ainda que atraída por sua integridade. Os psicanalistas teriam essa mesma possibilidade, de se revisar, que Freud teve?

Impossível saber. Todavia, creio que, hoje, não se trata mais de homologar ou não os usos e abusos da Psicanálise, onde quer que coisas estejam sendo feitas em seu nome, mas contribuir para debater, criticar, melhorar e fortalecer as melhores coisas que têm sido feitas com ela e em seu nome. O psicanalista é um intelectual? Poderá sê-lo, mas tão somente trabalhando nas fronteiras daquilo que resiste à Psicanálise.

Por fim, terminaremos encarecendo o que Freud afirmou para aqueles que pretendiam regular a Psicanálise, regulamentando-a, o que certamente vale para os que acreditam que a Psicanálise necessita da vigilância dos ávidos homologadores de plantão.

Porém estou seguro de uma coisa. Não importa muito qual seja a resolução que vocês farão recair sobre a questão da análise leiga. Qualquer que seja, só pode ter um efeito local. O que é verdadeiramente importante é que as possibilidades do próprio desenvolvimento que, em si, engendram a Psicanálise não podem ser restringidas por leis nem regulamentos (Freud, 1981, p. 2953).¹³

Referências

Agamben, Giorgio. *Homo Sacer I: O poder soberano e a vida nua*, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2002.

Anzieu, Didier. *A auto-análise de Freud e a descoberta da Psicanálise*. São Paulo: Artes Médicas, 1989.

Bauman, Zygmunt. *Modernidade e Ambivalência*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

13 Tradução minha do espanhol.

- Benjamin, W. Sobre alguns temas em Baudelaire. In: *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. Trad. José Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista. 1. ed. Obras escolhidas, vol. 3. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 103-149.
- Bourdieu, Pierre. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- Costa, Wilma Peres. “Viagens e peregrinações: a trajetória de intelectuais de dois mundos”. In: Elide Rugai Bastos *et alli* (org). *Intelectuais: sociedade e política*. São Paulo: Cortez, 2003.
- Derrida, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.
- Derrida, J. (2005). Freud e a cena da escritura. In: *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva.
- Derrida, J. (2006). *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva. (Trabalho original publicado em 1967).
- Derrida, J. (2001). *Posições: Jacques Derrida*. Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1972).
- Derrida, J.; Roudinesco, E. (2004). *De que amanhã. Diálogos de Derrida e Roudinesco*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Elias, Norbert. *O Processo Civilizador - v.II*. Rio de Janeiro, Zahar, 1993.
- Elias, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1993a.
- Elias, Norbert. *O Processo Civilizador - v.I*. Rio de Janeiro, Zahar, 1994.
- Elias, Norbert. *Au-delà de Freud: sociologie, psychologie, psychanalyse*. Trad. Nicolas Guilhot, Marc Joly et Valentine Meunier. Paris: La Découverte, 2010.
- Endo, Paulo Cesar. Freud, Jung e o Homem dos Lobos: Percalços da psicanálise aplicada. *Revista Ágora: Estudos em teoria psicanalítica*, vol. 4, n. 1, Jan./June 2001, p. 115-130.

- Endo, Paulo Cesar. *A violência no coração da cidade: um estudo psicanalítico*. São Paulo: Escuta/Fapesp, 2005.
- Endo, Paulo Cesar. O Psicanalista é um intelectual? Pulsiona: *Revista de Psicanálise*, ano 21, n. 3(195), p. 19-30, set 2008.
- Eribon, Didier. *Michel Foucault*. São Paulo: Companhia das letras, 1990.
- Freud, Sigmund (1900). La interpretación del os sueños. In: *Obras completas de Sigmund Freud* (t.I), Biblioteca Nueva, 1981, p. 343-720.
- Freud, Sigmund. (1908). A moral sexual cultural y La nervosidad moderna. In: *Obras completas de Sigmund Freud* (t.II), Biblioteca Nueva, 1981, p. 1249-1261.
- Freud, Sigmund. (1913). Totem y Tabu: algunos aspectos comunes entre la vida mental del hombre primitivo y los neuróticos. In: *Obras completas de Sigmund Freud* (t.II), Biblioteca Nueva, 1981, p. 1746-1850.
- Freud, Sigmund. (1921). Psicología de las masas y analisis del yo. In: *Obras completas de Sigmund Freud* (t.III), Biblioteca Nueva, 1981, p. 2564-2610.
- Freud, Sigmund. (1926). Analisis Profano. In: *Obras Completas de Sigmund Freud* (t.III). Madrid, Biblioteca Nueva, 1981, p. 2911-2959.
- Freud, Sigmund. (1930). *O Mal-estar na cultura*. Porto Alegre: LPM, 2010.
- Freud, Sigmund. (1939). Moises y La religion monoteísta: três ensayos. In: *Obras completas de Sigmund Freud* (t.III), Biblioteca Nueva, 1981, p. 3241-3324.
- Girard, René. *A violência e o sagrado*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1990.
- Grubrich-Smitis, Ilse. *Freud: primeiros textos e textos da maturidade: lendo estudos sobre a histeria e Moisés e o Monoteísmo*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.
- Horkheimer, Max; Adorno, Theodor. *Dialética do esclarecimento: fragementos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

- Laclau, E. *A Razão Populista*. São Paulo: Três estrelas, 2013.
- Leclair, Serge. Le Port de Djakarta. In: *Psychanalyse et Politique*. Paris: Seuil, p. 7-13.
- Pontalis, J-B. “A utopia freudiana”. In: Pingaud, Bernard (org.) *Freud*. São Paulo: Editora Documentos, 1969, p. 9.
- Pontalis, J-B. “Bordas ou confins”. In: Pontalis, J-B. *Entre o sonho e a dor*. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2005, p. 211-225.
- Said, Edward. *Freud e os não-europeus*. São Paulo: Boitempo, 2004.
- Santiago, Silvano. “Outubro retalhado (entre Estolcomo e Frankfurt)”. In: Margato, Izabel e Gomes, Renato Cordeiro (orgs), *O papel do intelectual hoje*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004, p. 23-38.
- Santos, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice: O social e o político na pós-modernidade*. São Paulo, Cortez, 2005.
- Yerushalmi, Josef Hayim. *O Moisés de Freud: Judaísmo terminável e interminável*. Rio de Janeiro, Imago, 1992.